

Um cemitério de quilombo sob a lavoura: fronteira entre a memória e o apagamento em Caçapava do Sul (RS) – UFSM, Brasil

Fernanda Kieling Pedrazzi

Professora do Departamento de Arquivologia, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

fernanda.pedrazzi@gmail.com

José Luiz de Moura Filho

Professor do Departamento de Direito, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

zecamoura@hotmail.com

Gabriel Denardin Spat

Acadêmico do Curso de Arquivologia, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

gabsspat@gmail.com

Simone da Silva Guerra

Bacharel em Direito. Acadêmica do Curso de Arquivologia, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

sofiasimoneguerra@gmail.com

Resumen: Los cementerios son patrimonios, lugares de memoria y las personas participan de este espacio para verse representadas en el conjunto de características de su propio tiempo. En los cementerios existen registros textuales y/o fotografías además de grandiosos monumentos o simples demarcaciones de la tumba. En 2021, se desarrolló un proyecto de extensión en la Universidad Federal de Santa María (UFSM) denominado “El patrimonio cultural sobre la muerte en las áreas quilombolas de Picada das Vassouras - Caçapava do Sul (RS)”. El proyecto contó con la participación de profesores y estudiantes del Centro de Ciencias Sociales y Humanas de la UFSM y personas de la comunidad de Caçapava do Sul (RS). El proyecto buscó recordar las historias sobre este lugar de la memoria que constituye un cementerio quilombola, permitiendo formar un nuevo vínculo, re-presentando lo que se estaba perdiendo y brindando la oportunidad de una retrospectiva que privilegia la memoria.

Palabras-clave: Caçapava do Sul. Cementerio. Memoria. Patrimonio. Quilombo.

Resumo: Os cemitérios são patrimônios, lugares de memória, sendo que o homem social participa deste espaço para se ver representado no conjunto de características de sua própria época. Ali se faz presente através de seus registros textuais e/ou imagéticos além de monumentos e simples demarcações do túmulo. Em 2021 foi desenvolvido um projeto de extensão na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) denominado “O patrimônio cultural sobre a morte nas áreas de quilombos em Picada das Vassouras - Caçapava do Sul (RS)”. O projeto envolveu professores e estudantes do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM e pessoas da comunidade de Caçapava do Sul (RS). Ele visava recordar as histórias a respeito do local de memória cemiterial de quilombolas, permitindo formar um novo elo, re-presentificando o que estava sendo perdido e oportunizando uma retrospectiva que privilegia a memória.

Palavras-chave: Caçapava do Sul. Cemitério. Memória. Patrimônio. Quilombo.

Abstract Cemeteries are heritage, places of memory and people participate in this space to see themselves represented in the set of characteristics of their own time. In cemeteries there are textual records and/or photographs in addition to grandiose monuments or simple demarcations of the tomb. In 2021, an extension project was developed at the Federal University of Santa Maria (UFSM) called “The cultural heritage on death in quilombo areas in Picada das Vassouras - Caçapava do Sul (RS)”. The project had the participation of professors and students from the Center for Social and Human Sciences at UFSM and people from the community of Caçapava do Sul (RS). The project sought to recall the stories about this place of memory

that constitutes a quilombola cemetery, allowing a new link to be formed, re-presenting what was being lost and providing an opportunity for a retrospective that privileges memory.

Keywords: Caçapava do Sul. Cemetery. Memory. Patrimony. Quilombo.

Introdução

Este artigo tem relação com um projeto de extensão desenvolvido a partir de junho de 2021 na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) denominado “O patrimônio cultural sobre a morte nas áreas de quilombos em Picada das Vassouras - Caçapava do Sul (RS)”. O projeto teve início no mês de junho de 2021 sendo realizado até o mês de dezembro do mesmo ano, porém foi finalizado, de fato, após a apresentação dos resultados em janeiro de 2022 em evento *online* aberto que se projetava já no cronograma.

O trabalho envolveu professores e estudantes do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM e pessoas da comunidade de Caçapava do Sul (RS), aqueles como proponentes e executores e estes como parte da investigação. O financiamento do projeto se deu com o pagamento de bolsas de extensão aos estudantes envolvidos no período em que o mesmo foi desenvolvido através da “Chamada Pública 007/2021/PRE/UFSM – Geoparques” na UFSM, Subdivisão Geoparques, da Coordenadoria de Desenvolvimento Regional e Cidadania da Pró-Reitoria de Extensão, edital lançado para estimular a realização de projetos que apresentassem potencial de contribuir para a certificação dos territórios da Quarta Colônia e de Caçapava, mesmo que a UFSM não fosse o apoiador principal deste último, mas para colaborar para esta candidatura. Foram selecionados 38 projetos a serem desenvolvidos nos dois Aspirantes. Dentre as seis propostas de ação de extensão exclusivas para Caçapava selecionadas, uma delas estava voltada para a questão de valorização de quilombolas e sua memória, sendo compilada uma parte dos seus resultados neste texto.

Entendia-se, como pressuposto, que o patrimônio cemiterial presente nas áreas urbanas e rurais tem sua riqueza na variabilidade de elementos o que envolve mais do que apenas a informação sobre os mortos como também os símbolos e o espaço como conjunto de manifestações de um povo. Antes de iniciar o desenvolvimento do projeto já se tinha informações de que na zona rural de Caçapava havia um cemitério que estava sob a plantação de arroz de um grande produtor rural local. Assim, considerando que havia um apagamento de uma parte da sociedade graças ao avanço do plantio de lavoura e buscando contribuir com a identidade e o reconhecimento de grupos quilombolas, a equipe envolvida no projeto foi à campo para encontrar este espaço e identificar o cemitério quase desaparecido. Perseguiu-se, ainda, a tarefa de colocá-lo no mundo digital

através de suas coordenadas de georeferenciamento e retomá-lo enquanto espaço histórico-social para que outras gerações possam saber de sua existência.

O valor do ambiente cemiterial é parte do reconhecimento do espaço como lugar social. O cumprimento de sua finalidade, ou seja, de dar lugar ao sepultamento de corpos humanos, é apenas parte do seu papel. Os cemitérios, mais do que isso, tem na sua arquitetura, no seu desenho, na forma de enterramento, características que são um meio de manifestação humana. “No cemitério, cultura, memória e história se articulam” (BASTIANELLO, 2016, p. 207). A presença de sepulturas acima ou abaixo da terra, de jazigos, de mausoléus depende também das condições de produção que o espaço geográfico e social oferece, bem como da economia e bens de consumo comuns a determinados grupos e lugares.

Por visibilizar o espaço de memória do cemitério de quilombolas em Caçapava do Sul e seus remanescentes, o projeto esteve alinhado com as prioridades do Geoparque Caçapava Aspirante UNESCO no item “Valorização das minorias” uma vez que trabalha com a divulgação dos documentos e espaços sobre a morte dessas comunidades. O trabalho também atende ao Objetivo do Desenvolvimento Sustentável¹ de número 10, de Redução das desigualdades dentro dos países e entre eles pois entende-se que todos têm direito à memória e essa é uma das formas possíveis de promover a justiça social. Isso está previsto mais especificamente no item 10.2 que entende que é necessário, até 2030, “empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra”. No território há, pelo menos, cinco localidades rurais remanescentes de antigos quilombos. Os quilombolas de Caçapava do Sul são envolvidos em fatores estruturais por sua origem e raça e o que se espera é que isso não seja discriminatório. A discussão do tema morte e morrer nos cemitérios rurais quilombolas retoma esta problemática e permite que todos conheçam a existência desses espaços cemiteriais. O que se apresenta a seguir envolve tanto uma revisão de literatura sobre o tema, descrição dos territórios envolvidos, bem como os resultados obtidos a partir do trabalho da equipe do projeto.

¹ ONU Brasil. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> . Acesso em: 17 jun. 2022.

Os quilombolas e seu espaço social: a luta pelo reconhecimento do território

A palavra Quilombo vem do idioma do povo Bantu, “kilombo” (quimbundo) e “ochilombo” (umbundo), e significa “local de descanso”. Os povos da África ocidental eram nômades e se utilizavam do termo para designar os territórios onde faziam suas pausas para descanso. No Brasil, no período colonial, o termo foi adaptado para designar as localidades utilizadas como refúgio de pessoas que se rebelaram contra o sistema escravista. Assim há uma ideia equivocada de que os povos remanescentes de quilombos são meros “descendentes de pessoas escravizadas e fugitivas”. Os quilombos são, na verdade, espaços voltados para o cultivo e valorização de suas tradições culturais, preservação de recursos naturais disponíveis e resistência. Os indivíduos remanescentes de quilombos são, em sua maioria, agricultores, pescadores, extrativistas, entre outros.

As comunidades quilombolas estão quase sempre situadas em áreas menores, de difícil acesso e com declividades acentuadas, o que ocorreu com a instalação de quilombos como forma de esconderijo e defesa, e no pós-Abolição por serem consideradas inúteis para atividades produtivas, como esarpas, terrenos alagados ou matas fechadas; e foi nestes territórios que, muitas vezes, depois de uma vida de tantas privações, enterraram seus antepassados.

Essas comunidades ocupavam locais de terreno alto - de forma estratégica - para que se visse tudo ao seu redor, ou em mata fechada, com deficiente acesso viário, dificultando a rápida aproximação de estranhos e invasores. A dificuldade de acessar fisicamente estes espaços dão a eles um manto de invisibilidade que de certa forma encobre também o passado e o presente dessas comunidades afro-brasileiras, especialmente na Região Sul do país. Isso pode ter influência das correntes migratórias europeias, que se destacaram no século XIX. Assim, buscando resgatar a memória dos antepassados dos atuais moradores da localidade denominada Picada das Vassouras, no interior do município de Caçapava do Sul (RS), buscou-se, entre outros objetivos, a identificação de espaços de enterramentos relacionados à morte de quilombolas, registrando-os como forma de preservação da cultura destes grupos.

A demanda de titulação das terras das cinco comunidades remanescentes de quilombos da localidade de Picada das Vassouras: Rincão Bonito, Quebra Canga, Seivalzinho e Faxinal, não inclui o Cemitério Sagrado (Seivalzinho) e o do Passo do Souza. O primeiro deles se encontra no meio de uma lavoura de arroz (área seguidamente inundada pela irrigação das terras ou cheia do Arroio Santa Bárbara) e já está desativado, enquanto o segundo, apesar de também se localizar dentro de uma plantação de soja,

continua a ser usado, porém em condições precárias, apesar de ser circundado por muro e cerca de arame e madeira.

Parte da memória dos antepassados quilombolas, se encontra nestes cemitérios precários: no do Seivalzinho, segundo alguns descendentes contam, os negros eram enterrados “em pé” ou amontoados, sem identificação, seja para caber mais corpos, seja para evitar visitas e homenagens; e no Passo do Souza eram colocadas lápides improvisadas, carcomidas pelo tempo, e que convivem lado a lado com túmulos monumentais, como o do Coronel Romão Xavier.

Não se cogitava, desde o princípio da redação da proposta de ação de extensão, em mexer no terreno e trasladar ossadas, ainda que elas estejam nestes locais. Porém entende-se que os campos santos, como parte da memória de um grupo, são espaços que necessitam de preservação enquanto patrimônio cultural já que não se encontram em áreas a serem tituladas e legalmente são considerados bens de interesse público, mesmo que situados em imóveis privados.

Políticas públicas com enfoque nas comunidades quilombolas tiveram início a partir da Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR), do Programa Brasil Quilombola e da criação da Secretaria Especial de Políticas e Promoção para a Igualdade Racial (SEPPIR). No Decreto N° 4.887, de novembro de 2003, consta que o território é a base da reprodução física, social, econômica e cultural das comunidades e regulamenta o procedimento para regularização fundiária das terras ocupadas por remanescentes dos quilombos de que trata o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), pois ele preconiza que fica estabelecido que o Estado deve emitir os respectivos títulos de propriedade definitiva àqueles que as estejam ocupando efetivamente. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), compete à Secretaria Especial de Assuntos Fundiários, sob a supervisão do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), nos termos do artigo 13 do Decreto Federal n° 10.253, de 20 de fevereiro de 2020, “formular, normatizar e supervisionar as ações e as diretrizes sobre manifestação em licenciamento ambiental que afete direta ou indiretamente as terras quilombolas”. Compete ao INCRA a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação, a titulação e o registro das terras ocupadas por remanescentes de quilombos, de que tratam os decretos acima citados. O processo da regularização fundiária nestes territórios se dá através da elaboração de Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID), os quais são de

responsabilidade de equipes multiprofissionais em conjunto com órgãos governamentais estaduais.

A Fundação Cultural Palmares emitiu portaria, a FCP nº 98, de 26 de novembro de 2007 que instituiu “o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos da Fundação Cultural Palmares, também autodenominadas Terras de Preto, Comunidades Negras, Mocambos, Quilombos, dentre outras denominações congêneres”. O Rio Grande do Sul já tem mais de uma centena de comunidades certificadas.

Os territórios quilombolas em Caçapava do Sul (RS)

O município de Caçapava do Sul, localizado no centro do Estado do Rio Grande do Sul e distante cerca de 100 km de Santa Maria, onde está o Campus Sede da UFSM, foi criado a partir de um acampamento militar em cerca de 1777, constituído no antigo aldeamento dos charruas. No ano de 1831 Caçapava é elevada à vila, desmembrada de Cachoeira. O local foi a segunda capital farroupilha rio-grandense, no período de 9 de janeiro de 1839 a 30 de maio de 1840. Caçapava do Sul é enfim, elevada à cidade em 1885 e em 2022 tem mais de 33 mil habitantes entre os quais os remanescentes de quilombolas.

De acordo com os dados constantes na cópia digital do processo administrativo de regularização fundiária da comunidade quilombola de Picada das Vassouras, em agosto 2007 a comunidade quilombola de Caçapava do Sul e Ministério público pediram a abertura de processo no INCRA para regularização do território. No final do ano de 2017, foi publicado no Diário Oficial da União (DOU) o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do território da comunidade remanescente de quilombo Picada das Vassouras/Quebra Canga, em Caçapava do Sul (RS). De acordo com a publicação, o INCRA determinou a área de 66,5 hectares para o núcleo Picada das Vassouras e 19,6 hectares para Quebra Canga, totalizando 86,1 hectares. Contudo, Picada das Vassouras é composto pelas comunidades de Picada das Vassouras/Quebra Canga, Rincão Bonito/Seivalzinho e Faxinal, e de acordo com informações do INCRA, a comunidade Faxinal está com processo de certificação em andamento, aguardando apenas complementação de documentação (em específico, ata/histórico faltante), enquanto as demais já estão certificadas, ou seja, conforme os dados da Fundação Palmares, existem cerca de cinco quilombos em Caçapava do Sul.

No início dos trabalhos do projeto, em junho de 2021, um dos bolsistas fez um requerimento de acesso a documentos referentes ao processo de concessão de terras aos

remanescentes dos quilombos de Picada das Vassouras junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, o INCRA, por meio do serviço Plataforma Integrada de Ouvidoria e Acesso à Informação- Fala.BR (NUP 21210.008379/2021-33). Justificou-se esse pedido de acesso à informação para que se tivesse a oportunidade de “levantar dados pertinentes a localidade” e para “poder ter uma visão mais ampliada do assunto”. Em 19/07/2021 a decisão do INCRA foi dada como “Acesso Concedido” sendo realizado o acesso pleno em 23 de julho de 2021, quando cópias dos documentos foram liberadas via envio de mensagem eletrônica. Este vasto material, em seis volumes, possui 610 páginas no primeiro volume e 131 páginas nos demais, todas digitalizadas, totalizando 741 páginas de informações acerca da comunidade pesquisada. A partir desse material tomou-se conhecimento de reuniões realizadas na comunidade de Picada das Vassouras, acessando as atas, nomes de pessoas, demandas, etc.

O quilombo Faxinal está localizado no interior do município de Caçapava do Sul, próximo à Vila Progresso, com acesso à comunidade pela BR 290. A culinária tradicional é preservada na comunidade, porém hoje não há religiões de matriz africana no local, e parte dos moradores é católica, mas sem igrejas. Os remanescentes frequentam igrejas localizadas na Vila Progresso. Há apenas um templo protestante. O cemitério que existe é muito antigo e está comprometido pela ação do tempo e falta de preservação do mesmo.

A comunidade remanescente de quilombo de Rincão Bonito é localizada também no interior de Caçapava do Sul, estando próxima à divisa com Cachoeira do Sul, enquanto que a de Seivalzinho se situa exatamente na fronteira com Cachoeira, junto ao Arroio Santa Bárbara, sendo ambas acessíveis pela BR 290. Nas comunidades residem parentes motivo pelo qual estes núcleos uniram-se durante a elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID). Há presença de igreja católica em Rincão Bonito e uma igreja evangélica em Seivalzinho. Em Rincão Bonito existem dois cemitérios: Cemitério dos Anjos e Cemitério dos Dutra. Em Seivalzinho há um cemitério muito antigo, denominado Sagrado. A Associação Quilombola de Picada das Vassouras solicitou que fossem tomadas providências sobre este cemitério pois existem antepassados de moradores enterrados no local. Ele está situado em uma propriedade com empreendimento agrícola e o proprietário já foi notificado sobre a necessidade de preservação do local onde está situado o antigo cemitério quilombola.

Os quilombos de Picada das Vassouras e Quebra Canga estão situados no interior de Caçapava. Ambos estão no centro de uma área onde situam-se as outras comunidades remanescentes de quilombos. Em 2006, a Fundação Cultural Palmares certificou a

comunidade de Picada das Vassouras. Ambas as comunidades utilizam o cemitério Passo de Souza, em Quebra Canga, onde estão enterrados escravos e ainda antigos fazendeiros, como o Coronel Romão Xavier Mariano, morto em 1893 (IMAGEM 1).



IMAGEM 1 – Túmulo do Coronel Romão no Cemitério Passo do Souza. Autoria: Fernanda Kieling Pedrazzi

O Coronel Romão foi morto na Revolução Federalista, tendo lutado, antes, na Guerra do Paraguai. Pelas datas que constam em sua sepultura, teria cerca de 69 anos quando foi assassinado. Há respeito pelo local pois lá estão seus antepassados.

Em Picada das Vassouras há famílias da religião umbandista e também espírita. Próximo dali está a Pedra da Promessa, local considerado milagroso e onde, segundo um morador, Isidoro Marques, há uma festividade chamada “Festa do Vizinho”, em março. Foram construídas cercas de pedras mas havia um determinado local onde os escravos se jogavam para a morte entendendo como meio de livrar-se da escravidão. Eram depositadas flores e velas eram acesas, passando a fazer promessas, daí o nome do local.

O cemitério quilombola está no mapa: agora ele existe

Para o desenvolvimento do projeto estavam previstos como método a leitura e estudo de materiais bibliográficos sobre quilombo, legislação, direitos do cidadão; e para

a contextualização do espaço geográfico e questão cultural, desejavam-se realizar entrevistas com moradores para localização dos espaços dos cemitérios. Também se previa viagem para localizar e fotografar cemitérios e compilar os documentos referentes aos registros de morte. Como etapa final, foi planejada a realização de um evento online, no início do ano de 2022, para divulgação e compartilhamento dos resultados do projeto utilizando a plataforma *Google Meet*.

Segundo Vovelle (1996, p. 18), “não há nada de mais desigual ou diferenciador do que a morte. Dos traços que ela nos deixa, ficam as provas, os testemunhos [...] dos poderosos, mas nada para a massa anônima dos pobres”. Esta diferenciação social é sentida na realidade de Picada das Vassouras e imediações, especialmente em Seivalzinho, onde o Cemitério Sagrado está localizado, ou, pelo menos, aquilo que sobrou dele. Desde a concepção do projeto estava prevista a visitação *in loco* nos espaços de enterramento, para fazer o seu georreferenciamento e captura de imagens que dessem conta das condições físicas desses locais. A análise documental realizada através da pesquisa em instituições de memória e registro civil e religioso e o contato com sujeitos da comunidade remanescente dos quilombos viriam a colaborar com a parte realizada em campo no município de Caçapava do Sul.

Em 04 de agosto de 2021 foi realizada a primeira viagem da equipe do projeto com a visitação ao Cemitério Passo do Souza e Pedra da Promessa. Concomitantemente as pesquisas jurisprudenciais acerca do assunto e de bibliografia, em 13 de agosto o Cemitério Passo do Souza adicionado ao *Google Maps* (IMAGEM 2), recebendo a localização, conforme imagem obtida na página da internet.

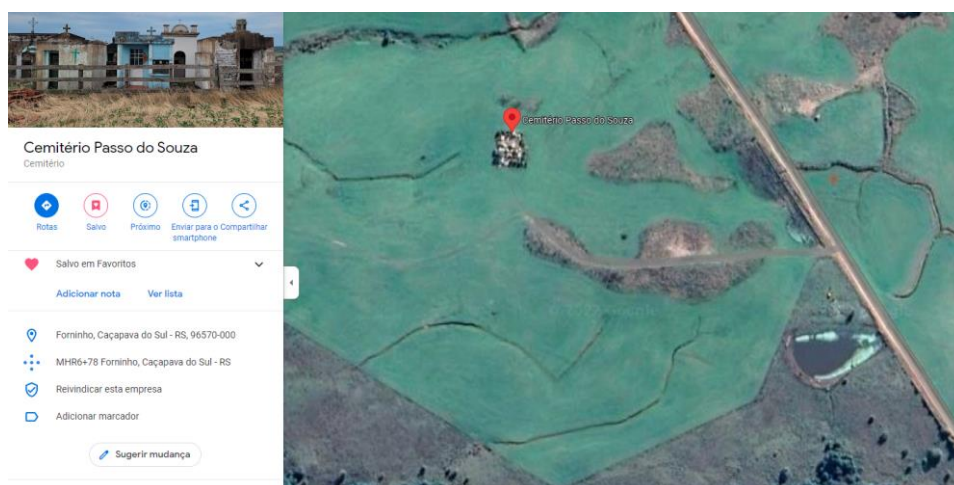


IMAGEM 2 – Reprodução Cemitério Passo do Souza com “print” da página do *Google Maps* Fonte: Disponível em: <https://goo.gl/maps/rTibjcbHbaYq7HJS8> Acesso em: 20 jun. 2022.

No local foram feitas capturas de fotografias (IMAGENS 3 e 4), algumas delas incorporadas ao *Google Maps* para ilustrar como é o local, suas edificações e condições frente ao entorno, onde se localiza uma lavoura de soja.



IMAGEM 3 – Frente do Cemitério Passo do Souza. Autoria: Fernanda Kieling Pedrazzi

Nesta oportunidade foi feito contato com moradores da localidade, porém não foi possível visitar o Cemitério Sagrado.



IMAGEM 4 – Lateral esquerda da entrada do Cemitério Passo do Souza Autoria: Fernanda Kieling Pedrazzi

Em 13 de dezembro de 2021 a equipe retornou ao local para a visita ao que restou do Cemitério Sagrado e para fazer mais fotografias, agora dos dois cemitérios. Houve grande dificuldade em localizar o exato espaço onde ele estava porém foi possível ter a identificação correta, que depois foi informada ao *Google Maps* (IMAGEM 5).

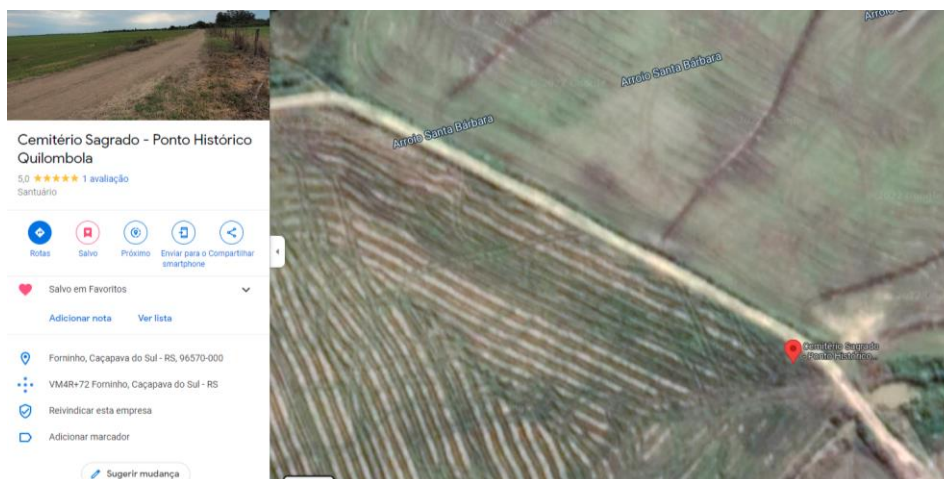


IMAGEM 5 – Reprodução Cemitério Sagrado com “*print*” da página do *Google Maps* Fonte: Disponível em: <https://goo.gl/maps/iufWDFa2xGAGn926A> Acesso em: 20 jun. 2022.

Somente com o contato com membros da comunidade que viveu nas proximidades é que foi viável encontrar o bloco de pedra que está identificando o que seria a entrada do local que hoje está embaixo da lavoura de arroz (IMAGEM 6).



IMAGEM 6 – Professor Zeca Moura em frente do local onde seria o Cemitério Sagrado Autoria: Fernanda Kieling Pedrazzi

Segundo os relatos, antigamente havia cerca e cruzeiros de ferro. “A edificação tumular é uma forma de manter viva a memória e a identidade do sepultado” (BASTIANELLO, 2026, p. 50). Não havia a sepultura acima do solo mas sim, covas no chão. Deuzinho Moraes, antigo morador, disse: “minha madrinha é que rezava o terço” para as almas (IMAGEM 7).



IMAGEM 7 – Equipe em contato com um ex-morador do local, vizinho ao Cemitério Sagrado
Autoria: Fernanda Kieling Pedrazzi

Quando questionado sobre o que aconteceu com o cemitério, Deuzinho disse: “não podia ter mexido nisso aí...”, em tom de desolação. Após reflexão, o ex-morador afirma que “a ganância foi arrombando”, referindo-se ao avanço da lavoura sobre o local do Cemitério, fazendo a ponte com o poder econômico como aquele que prevalece. Ele lembra que havia uma crença voltada para o lado religioso relacionada ao Cemitério Sagrado: “quando a gente morava aqui, dava uma seca o pessoal se juntava para vir aguar o cemiterinho. Volta e meia quando dava uma parada de chuva, era pra chover, e a maioria dava certo”. Ainda rememorando fatos sobre as manifestações populares, ele diz: “esses dias eu tava dizendo pro homem que planta aqui até – vamos ter que aguar o cemiterinho”. Ainda complementa suas memórias dizendo que “pra lembrar, só quem viveu aqui, nascido e criado aqui”, assim reportando sua proximidade e vivência no local, sua identificação com a terra e sua relação com os vestígios humanos ali depositados e escondidos pela existência da plantação. Outro morador que se encontrava nas proximidades, trabalhando na lavoura que tem nas imediações do local, era Sebastião. Deuzinho lembra que na antiga “Roça dos Negros” moravam cerca de 100 pessoas, incluindo o avô de Sebastião Flores, Pedro Mugango, já falecido, que foi uma espécie de liderança e teve uma vida muito longa, passando dos 100 anos.

O que se percebe ao conversar com ex-moradores é que houve um apagamento quase total dos vestígios da presença de um local de sepultamento (Cemitério Sagrado), ignorando a passagem do homem pela terra na medida em que a lavoura avançou sobre o espaço geográfico. Catroga (2009, p. 38) defende que dar um lugar à morte, a sepultura,

é “permitir as sociedades situarem-se simbolicamente” e também “indicar um sentido para a vida dos vivos”. Nota-se que isso ficou, de alguma forma perdido, porém se realizou uma tentativa de tornar esta história presente, levando-a a eventos de pesquisa e extensão e também apresentando no evento final (IMAGEM 8).

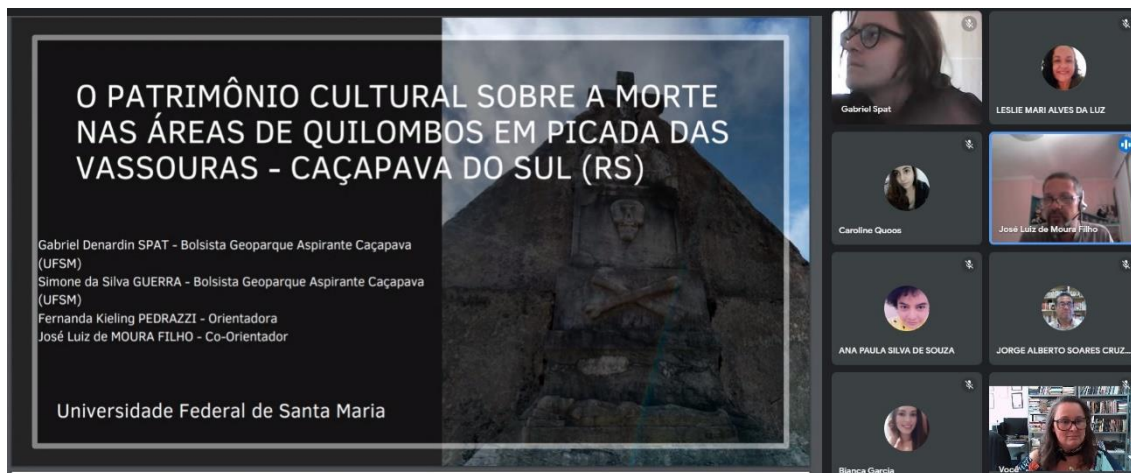


IMAGEM 8 – Evento *online* para compartilhar os resultados do projeto em janeiro de 2022 Autoria: Fernanda Kieling Pedrazzi

As modificações da paisagem rural, a partir da presença de grandes proprietários de terra, criaram uma nova forma de vivenciar o lugar que antes tinha pequenas plantações, feitas com instrumentos mais simples que foram substituídos por maquinário pesado. Os antes proprietários das roças viraram empregados dos latifundiários. Métraux descreve que o pertencimento forma a identidade, dá uma sensação de grupo. Mas esta é uma estabilidade que pode ruir. A perda do pertencimento pode ocorrer com a abertura excessiva, nascendo outros pertencimentos. “O pertencimento herdado então desmorona e, pela força das coisas, um novo se afirma” (MÉTRAUX, 2011, p. 243). Daí, desse cenário, resulta um esquecimento.

Ao rememorar as histórias a respeito do local, se permitiu gerar um novo elo entre o passado e o agora, re-presentificando aquilo que estava sendo perdido, oportunizando uma retrospectiva que privilegia a memória do que Catroga chama de “objecto ausente” (CATROGA, 2009, p. 41). No caso do Cemitério Sagrado não há nada material, nem palavras nem objetos. É ideia do ex-morador colocar ali uma cruz, mas até agora ainda não o fez. De acordo com Pedrazzi (2015, p. 139), “pensar o discurso sobre a morte, e a exclusão de sua materialidade no sepulcro, na campa, na sepultura do cemitério, faz pensar sobre o quão efêmeros somos”. Nessa condição de transitoriedade, de seres temporários, seguem os estudos sobre as formas de expressão nos cemitérios, sendo um cemitério de quilombo um ponto de partida para discutir a memória e a sua falta.

Considerações finais

Ao retomar a questão cemiterial, agora na perspectiva da fronteira entre memória e apagamento, relacionando com a temática da luta por reconhecimento pelo direito à terra de comunidades quilombolas do interior do Rio Grande do Sul entende-se que o desenvolvimento pleno do projeto de extensão contribuiu com a valorização das minorias quilombolas e com a candidatura à Geoparque de Caçapava do Sul pois foram identificados documentos e espaços de morte destas comunidades, incluindo a sua marcação inédita no *Google Maps*, mostrando que havia uma certa invisibilidade refletida pelo apagamento dos vestígios destes grupos tradicionais, o que contraria a Constituição Federal.

Em seu Art. 216, a Constituição brasileira diz que "constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira", o que inclui, o parágrafo 5º onde há um alerta que "Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos" (BRASIL, 1988). Isso precisa ser considerado em Caçapava do Sul, na área da Picada das Vassouras e imediações. Entende-se que deverá ser realizada a marcação física, e quem sabe da inclusão de uma cerca, na área onde esteve localizado o Cemitério Sagrado na antiga comunidade "Roça dos Negros", às margens do Arroio Santa Bárbara. Verificou-se, inclusive, que é de interesse de antigos moradores do local esta ação pois da forma como está, não está bom. Há um desconforto. O fato de haver hoje vastas lavouras de arroz na região não tira o direito daquelas comunidades de manter este local pois, ainda conforme a Constituição Federal, em seu Art. 68. "Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos" (BRASIL, 1988).

Acredita-se que o projeto desenvolvido em 2021 é um incentivo a desenvolver outros projetos semelhantes com a mesma temática, ou semelhante, pois a morte traz em si elementos culturais importantes como os ritos e os vestígios que devem ser considerados nas discussões sobre cidadania e inclusão. Espera-se que a marcação do local destes cemitérios possa despertar interesse turístico na região pois é fato o uso e a presença do homem nestes locais em sua forma de vida peculiar devido ao momento pelo qual a sociedade viveu e vive tensões sociais, sendo expressão da memória coletiva sobre a relação dos seres humanos e a terra.

Considera-se cumprido o objetivo principal do projeto de extensão ao dar ao local de sepultamento dos mortos dos quilombolas visibilidade e existência tanto no relatório do projeto quanto no mundo virtual. Houve a participação e colaboração plena dos bolsistas em todas as atividades descritas incluindo as viagens à Caçapava do Sul e visitação aos locais cemiteriais, marcação das coordenadas e inclusão do *Google* dos três pontos de interesse para a pesquisa: dois cemitérios e a Pedra da Promessa², fotografando todos os locais onde foram, em contato e realizando entrevista informal com moradores. Ao final de todo o trabalho os bolsistas ainda tiveram a chance de organizar e participar de evento *online*, onde emitiram suas opiniões e fizeram reflexão sobre todas as informações obtidas. Trata-se, portanto, de uma experiência ímpar que trouxe vivências múltiplas, inclusive de campo, aproveitando ao máximo a atividade extensionista oportunizada na UFSM.

Referências

- BASTIANELLO, Elaine Tonini. **A memória retida na pedra: a história de Bagé inscrita nos monumentos funerários (1858 - 1950)**. Bagé, RS: Editora e Gráfica Pallotti, 2016.
- BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 03 jun. 2022.
- CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do Tempo**. Memória e fim do fim da História. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, 2009.
- MÉTRAUX, Jean-Claude. **Lutos coletivos e criação social**. Curitiba: Editora UFPR, 2011.
- PEDRAZZI, Fernanda Kieling. O discurso sobre a morte em arquivos institucionais do final do século XIX. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Letras. Centro de Artes e Letras. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/4007> Acesso em: 10 jun. 2022.
- VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Orgs.). **A morte na idade média**. São Paulo: Ed. USP, 1996.

² Disponível em: <https://goo.gl/maps/NNM4dmQMpR1nfCEg6> Acesso em: 20 jun. 2022.